



ARAÚJO, Júlio. **Constelação de gêneros: a construção de um conceito**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

## A COMPREENSÃO DO CONCEITO CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS

Francisca Natália Leite Lopes<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
(francisca.natalia@aluno.uece.br)

Publicado no primeiro semestre de 2021, o livro *Constelação de gêneros: a construção de um conceito* apresenta um ensaio, cujo um dos propósitos é refletir sobre o fenômeno “agrupamento de textos”. O autor tem como objetivo propor uma definição acerca do conceito *constelação de gêneros*, de forma a evidenciar como ela se configura e como se deve estudá-la para fins teóricos e metodológicos. Para isso, o pesquisador expõe e compara perspectivas teóricas, que discutem a definição de gêneros à luz de estudiosos da linguagem como: Bhatia, Marcuschi, Swales e Bahktin.

O autor, Júlio Araújo, é professor do programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Como pesquisador, contribui para estudos na área de Linguística Aplicada em interface com a Pragmática, a Linguística Textual e as Teorias Críticas do Discurso. Em seus estudos, busca compreender as relações existentes entre linguagem e tecnologia digital, com ênfase em temáticas como: Gêneros Textuais Digitais, Novos Letramentos, EaD, Convergência de Mídias e Hipertextos.

No que concerne à estrutura da obra, Araújo (2021) divide o livro em duas etapas. A primeira constitui-se da contextualização, na qual o pesquisador apresenta, a partir das percepções de distintos estudiosos, a temática central, *constelação de gêneros* e, outrossim, explica o que será abordado em cada parte da obra. Na sequência, há dez capítulos em que o autor traz, didaticamente, suas considerações sobre o referido tema em comparação a perspectivas de outrem, e, por fim, o autor registra suas reflexões finais.

Na parte inicial, ressalta-se o cuidado do autor em contextualizar que este livro retoma reflexões de uma pesquisa anterior (ARAÚJO, 2006) em que o autor expõe reflexões sobre o fenômeno constelação de gêneros. Segundo ele, essa revisão é necessária, haja vista a ascensão de gêneros, que, por sua vez, traz à tona significativas nomenclaturas advindas de distintas perspectivas teóricas e metodológicas. Conforme Araújo (2021), tendo em vista o foco de se definir categorias analíticas, o vantajoso número de designações, por vezes, pode dificultar processos de análises de textos e/ou gêneros.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada.



No capítulo um, o autor, com base nas teorias de Hoey (1986) e Bhatia (2001), traz um panorama existente na literatura acerca do que venha a ser uma *Colônia discursiva* e, por meio de subtópicos, o autor explica propriedades significativas que, consoante Hoey (1986), constituem uma *colônia discursiva*. Todavia, essa nomenclatura não é a preferível de Araújo, mas sim a categoria *constelação de gêneros*, que é usada por ele metaforicamente para se referir ao fenômeno agrupamento de textos. Araújo (2021) faz questão de explicitar essa informação, pois ele deixa transcender que as reflexões deste capítulo são necessárias, tendo em vista as divergências terminológicas, que podem dificultar análises de processos textuais.

No capítulo dois, o destaque é para o teórico Bathia ([1997] 2001). Nesta parte do livro, o autor da obra discute acerca dos aspectos de *conhecimento convencional* e *versatilidade genérica*, que, de acordo com Bathia (2001), são fundamentais para a teoria de gêneros. Nesse intento, Araújo (2021) explica que os referidos conceitos convergem com as concepções teóricas de Swales (2001) e Távora (2003) cujo propósito é esclarecer as considerações de Bathia (1999, 2001) acerca do que seja uma constelação de gêneros. Em síntese, na perspectiva bathiniana, trata-se de um conceito relacionado a um conjunto de gêneros promocionais, por exemplo, anúncios, panfletos, sinopses de livros, comerciais, entre outros. Como demonstração, Araújo expõe figuras sistematizadas e cita nomes desses gêneros, de modo a esclarecer variações entre eles e seus respectivos propósitos comunicativos.

No capítulo três, as reflexões são lançadas ao olhar de Marcuschi (2000). A princípio, com base em Wittgenstein (2000), Araújo (2021) menciona o quão heterogêneas são as práticas de linguagem, uma vez que há o caráter sócio-histórico instaurado. Nesse bojo, o autor destaca os diferentes formatos de gêneros e, refletindo o pensamento de Marcuschi (2000), cita gêneros como carta, entrevista e receita para emanar discussões sobre o conceito *constelação de gêneros*. Por assim ser, questiona-se: os gêneros supracitados devem ser vistos como únicos ou, de fato, revelam uma *constelação de gêneros*? Esse questionamento é a resposta provável para Araújo (2021), tendo em vista compreender que há distinguidas modalidades de cartas e de aulas, não cabendo, portanto, entendê-las em um único propósito comunicativo geral.

No capítulo quatro, as reflexões são apresentadas com apoio teórico de Swales (2004). Nessa parte, Araújo (2021) busca desenvolver a discussão pautada na reflexão designada por Swales, quando esse defende que a relação existente entre gêneros acadêmicos é uma constelação de gêneros. Contudo, segundo Araújo, tal conceito não é tratado com clareza por Swales (2004), de forma a necessitar de um estudo mais detalhado. Consoante o autor do livro, a tese do linguista Swales é entendida, em termos gerais, pelo título de sua obra *Constelations of Genres*. Desse modo, com a devida atenção aos gêneros que circulam em comunidades acadêmicas, Araújo (2021), com base em Swales (2004), apresenta e explica de forma textual e ilustrativa quatro aspectos que permeiam a relação entre gêneros; a saber: 1- hierarquia, 2- cadeias, 3 - grupos e 4 - redes (SWALES, 2004).



O primeiro consiste em apontar um gênero mais prestigiado em detrimento de outro. Nessa dimensão, é interessante saber que a comunidade da área da Botânica (SWALES, 2004) privilegia bastante o gênero monografia, quando comparado, por exemplo, ao artigo acadêmico, bastante valorizado na Linguística e na Linguística Aplicada. No segundo aspecto, Araújo (2021) comenta, com base em Swales (2004), sobre o encadeamento gerado por um convite a um evento, que, por sua vez, suscitará outros gêneros, por exemplo, a carta de aceite, a apresentação, entre outros.

O terceiro aspecto, grupo de gêneros, implica o conjunto de gêneros orais e escritos produzidos no campo acadêmico. É relevante mencionar que esse conceito de constelação dado por Swales (2004) é levemente criticado por Araújo (2021), visto que se toda e qualquer constelação é um grupo de gêneros, como defende Swales (2004), não são concretos, conforme Araújo, os critérios adotados para essa denominação, de modo que tal consideração dificulta uma compreensão plena do referido aspecto. Por fim, o quarto e último, redes de gêneros, condiz com o entrelaçamento de gêneros produzidos na comunidade acadêmica (SWALES, 2004). Esse aspecto é discutido por Araújo (2021) a partir da categoria de intertextualidade.

No capítulo cinco, o conceito *constelação de gêneros* é visto sob a ótica de Bakhtin, o qual, de acordo com Araújo (2021), não se direciona diretamente a essa categoria, contudo deixa transparecer em suas reflexões o surgimento de gêneros a partir de outros. Para exemplificar isso, Araújo (2021) traz discussões de Bakhtin ([1929] 2002) acerca do gênero *romance polifônico* de Dostoiévski. Na evidência da constelação de gêneros, o autor versa sobre as particularidades reveladas pelo fenômeno “agrupamento de textos”, no qual, através de uma ilustração, o autor mostra gêneros identificados como: poesia bucólica, panfletos, simpósios, sátira menipeia, entre outros.

À face desses gêneros, há em comum características como a carnavalização, a transmutação, a fantasia livre e a realidade. Na discussão proposta por Araújo (2021), deve-se considerar, como um aspecto positivo, a evidência do percurso metodológico tomado por Bakhtin para a análise da poética de Dostoiévski, pois uma vez apresentado o trajeto de análise, pelo qual o filósofo da linguagem perpassou, diacrônico e sincrônico, isso faz com que seja mais perceptível e aceitável a ideia de que o que foi chamado em época passada de *romance polifônico*, atualmente, possa ser compreendido como uma *constelação de gêneros*.

No capítulo seis, há o que o autor intitula como *Constelando argumentos*. Araújo (2021) retoma os pensamentos de Bathia, de Marcuschi, de Swales e de Bakhtin, cujo propósito consiste em alinhar o conceito por ele buscado. Assim, referindo-se a Bathia, Araújo (2021) vai de encontro a ideia da existência de um propósito comum, pois, de fato, a realidade da constelação de gêneros está propensa a uma teia de propósitos comunicativos, ou seja, cada gênero possui seu propósito novo e particular ou conjunto de propósitos inerente à ação comunicativa realizada. Ao dirigir-se a Marcuschi (2000), percebe-se que o pensamento do autor já se assemelha, considerando o exemplo mencionado do gênero entrevista, sobre o qual Marcuschi aponta, segundo Araújo, haver não uma tipologia, mas sim uma



constelação de eventos. Entretanto, mesmo com essa aproximação teórica, Araújo (2021) deixa evidente, no decorrer de suas reflexões e de suas indagações, a imprecisão dos critérios defendidos por Marcuschi para se definir tal constelação.

Quanto a Swales (2004), o autor desta obra reitera a ausência de imprecisão dos critérios adotados quando o assunto é uma constelação de gêneros. Nesse âmbito, Araújo (2021) mostra para o leitor essa implicitude por meio de inquietações como do porquê, na perspectiva de Swales, uma constelação, em dado momento, organiza os gêneros por hierarquias, por cadeias, por grupos, ou, ainda, por redes. Por fim, o pesquisador reitera a afinidade com as ideias de Marcuschi (2000), mas enaltece o pensamento de Bakhtin realizado no campo literário, caracterizando-o como uma base teórica mais completa no quesito constelação de gêneros, embora tenha sido estabelecida em tempo anterior a dos demais estudiosos mencionados.

No capítulo sete, o leitor se debruça no percurso teórico-metodológico proposto pelo autor. Nota-se, aqui, uma forma de legitimar a construção do conceito *constelação de gêneros*. Para isso, Araújo (2021) estabelece tópicos temáticos, a saber: esfera de comunicação como ambientes de circulação dos gêneros, marcas reveladoras de formação genérica e as respectivas funções sociais inseridas numa constelação. Com base nesses eixos, as discussões são discorridas, principalmente, à luz dos gêneros do discurso, Bakhtin ([1953] 2000), Marcuschi (2002) e outros estudiosos.

Desse modo, Araújo (2021), à medida que elabora comparações entre o que Bakhtin entende por esfera comunicativa e Marcuschi por domínio discursivo, explica distintas categorias analíticas, sobre as quais apresenta e explica cada uma delas, permitindo, assim, ao leitor, perceber de maneira explícita a relação dos conceitos até então apresentados com o que se busca definir, isto é, o conceito *constelação de gêneros*. Um ponto relevante que Araújo (2021) comenta, para fins metodológicos, é sinalar que um analista de gêneros precisa exercer um caráter etnográfico.

Em outros termos, Araújo deixa claro ao leitor que, para analisar a constelação de gêneros, deve-se partir do olhar de quem produz e de quem consome, corroborando, dessa forma, a ideia de Swales (2004) que defende a participação do pesquisador, isto é, daquele membro que, atuante em sua comunidade discursiva, está produzindo e consumindo gêneros. Ainda no capítulo sete, vale mencionar a ilustração apresentada pelo autor para resumir o caminho de investigação proposto. Sobre tal figura, Araújo (2021) sistematiza o trajeto aconselhável para um pesquisador no seu empreendimento investigativo de uma constelação: da esfera discursiva à função social do gênero.

O interessante da proposta de Araújo (2021) é a evidência de duas trajetórias de análise, ou seja, o percurso metodológico sugerido propõe, a princípio, o olhar para a esfera discursiva, na sequência, para a formação genérica (BAKHTIN, ([1953] 2000) e, só então, para a função social do gênero. Na segunda, pelo que parece, de caráter sincrônico, propõe-se, também, a esfera discursiva como ponto de partida, mas como segundo passo e com o uso da categoria *propósito comunicativo*



(ASKEHAVE; SWALES, 2001; SWALES, 2004), o autor revela o trajeto em que o analista, em um segundo plano de análise, concede sua atenção para a compreensão das funções sociais do gênero diante de uma constelação.

Nos três últimos capítulos, oito, nove e dez, Araújo (2021) traz com muita exatidão as discussões sobre as categorias analíticas supracitadas nas seções precedentes da obra, cujo objetivo é legitimar teoricamente as decisões tomadas sobre o percurso metodológico proposto. Por fim, o autor apresenta suas questões de pesquisa e suas respectivas respostas, de modo a esclarecer características que aproximam e distanciam os gêneros. Há, ainda, dentre os principais estudiosos citados, como Bathia, Marcuschi, Swales e Bakhtin, a menção àquele que mais se aproxima da definição do conceito *constelação de gêneros*, que é postulado por Araújo (2021), neste ponto, Marcuschi (2000).

Este livro, portanto, contribui para a prática de professores e de pesquisadores que atuam na Linguística e na Linguística Aplicada, bem como colabora para o desenvolvimento das competências linguísticas de estudantes de Pós-graduação, já que, segundo o autor, não há na literatura uma definição concreta acerca do conceito *constelação de gêneros*. Logo, a obra apresenta não só o entendimento do conceito, mas também promove a reflexão quanto a inquietações no campo dos estudos de gêneros, uma vez que traz concepções pertinentes, cujo objetivo é revelar uma concepção teórica menos difusa, isto é, mais concreta.

Posto isso, ressalta-se que a obra consultada agrega grande valor para as comunidades acadêmicas interessadas na discussão do fenômeno “agrupamentos de textos”. Vale reforçar, também, que, nesta resenha, há um panorama geral da proposta apresentada no livro de Araújo (2021), de modo que a aquisição da obra, certamente, irá proporcionar ao (à) leitor (a) o detalhamento necessário da discussão supracitada.

## Referências

ARAÚJO, J. C. **Os chats**: uma constelação de gêneros na internet. Fortaleza, 2006. 341. f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br>. Acesso em: 01 ago. 2021.

ASKEHAVE, L.; SWALES, J. M. **Genre identification and communicative purpose**: a problem and a possible solution. In: Applied Linguistics. Oxford, 22, n. 2, 2001, p. 195-212.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 227-326.

BHATIA, V. K. Applied Genre Analysis: Analytical Advances and Pedagogical Procedures. In: JOHNS, A.M. (Org.). **Genre in the Classroom**: Multiple Perspectives. Mahwah: Lea, 2001. p. 279-283.



HOEY, M. The Discourse Colony: a Preliminary Study of a Neglected Discourse Type. In: COULTHARD, M. (org.). **Talking About Text, Erel Discourse Analysis Monograph**. Birmingham (13), p. 1-26,1986.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SWALES, J. M. **Research Genres: explorations and applications**. New York: Cambridge University Press, 2004.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad.: J. C. Bruni. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.

Recebido em: 09/08/2021  
Aprovado em: 02/09/2021